

laridade dos trabalhos de investigação exclusivamente psicológica pois que estes, para serem compreendidos pela maioria, não exigem, dum modo geral, prévios conhecimentos científicos.

Precisamos, no entanto, de ter sempre em mente que uma coisa é pormo-nos ao facto duma corrente de investigação científica e outra é contribuirmos para ela. Assim, julgamos possível a colheita duma noção, geralmente útil, sobre fisiologia geral e individual, através de obras escritas já com este fim, sem que o leitor seja assaltado por muitas dificuldades.

Não nos parece difícil, por exemplo, dar uma noção superficial do que seja a regularização humoral do organismo humano através de produtos elaborados por determinados órgãos desse mesmo organismo, produtos esses que têm o nome de hormonas.

O homem é essencialmente um conjunto de órgãos a cada um dos quais está dotada uma função ou um conjunto de funções. Para o bom desempenho destas funções, os órgãos precisam de ser, não só alimentados, mas ainda regulados — frenados e excitados. Esta regularização faz-se, quer por intermédio do sistema nervoso, quer, directa ou indirectamente, por meio das hormonas. Um excesso ou uma deficiência nas suas quantidades respectivas, arrastam o aparecimento de determinadas perturbações. Pela observação cuidadosa destas perturbações e com o auxílio de experiências de Laboratório, conseguiu-se já separar e estudar algumas hormonas. Dêste estudo saiu a possibilidade de podermos, com uma certa precisão, saber qual o efeito da hormona *tal* ou *tal*. Sabemos hoje também que, mesmo em indivíduos ditos normais, existe sempre um predomínio duma hormona ou grupo de hormonas, com o respectivo predomínio funcional. Assim chegaram os investigadores à teoria dos temperamentos. Procurar conhecer o temperamento dum indivíduo é, em última análise, procurar conhecer o seu predomínio hormonal.

Este termo — temperamento — tem significações diferentes de autor para autor. Assim, êle exprime para **Berardinelli** a face fisiológica humana, ao passo que, para **Kretschmer**, tem uma acepção psicológica. Esta variabilidade de acepção não deve ser esquecida para não sermos levados a generalizações ou conclusões erradas.

A face morfológica é de mais fácil acesso, obrigando, no entanto, ao conhecimento dos diferentes métodos de classificação e mensuração e à escolha dum deles para se proceder a observações individuais.

Um pouco de história, durante o qual iremos indicando alguns autores mais importantes: a face morfológica individual, segundo **Berardinelli**, começou a ser estudada no fim dos séculos XVII e XVIII com trabalhos de **Goethe** — criador da palavra *morfologia* na acepção de *estudo da forma* — **Husson**, **Hallé** e **Pabanis**.

**Husson** (1803-1864), discípulo de **Hallé**, classificou os indivíduos em *cranianos*, *abdominais* e *torácicos*, conforme o predomínio do crânio, do abdómen ou do tórax no aspecto geral desses indivíduos.

**F. Thomas**, em 1821, concebeu também três tipos — *craniano*, *torácico* e *abdominal* — condicionados pelas mesmas razões.

No fim do século XIX, três figuras nos aparecem dum modo destacante — **Benecke**, **De Giovanni** e **Sigaud**. Este último, a-pesar-de ser o criador duma classificação já hoje posta de parte por ser baseada em premissas falsas (**Berardinelli**), é ainda muito conhecido e, entre nós, muito citado. A sua classificação comporta quatro tipos principais — *cerebral*, *muscular*, *digestivo* e *respiratório*.

**Benecke** é o criador da *primeira* e *segunda* combinações anatómicas.

**De Giovanni**, descreveu uma *combinação ideal* e três outras *combinações* — *primeira*, *segunda* e *terceira*.

Com estes três autores, terminou o período empírico destes estudos. Iniciou-se com um discípulo de **De Giovanni** — **Giacinto Viola** — o verdadeiro período científico.

Dentro dêste período, devemos assinalar as classificações de **Viola**, **Barbára**, **Walter Mills**, **Prado Valladares** e **Kretschmer**.

Alguns destes autores não se limitaram, como já dissemos, ao estudo exclusivo da face morfológica mas correlacionaram-na com as fisiológica e psicológica, como o fez **Kretschmer**, classificando os indivíduos em *picnicos*, *leptosómicos* (asténicos — como variedade sub-mórbida) e *atléticos*, sob o ponto de vista morfológico e *ciclôtmicos* e *esquizôtmicos*, sob o ponto de vista psicológico, estabelecendo as *afinidades biológicas* entre os primeiros — *ciclôtmicos* — e os *picnicos* e entre os segundos — *esquizôtmicos* — e os *leptosómicos* e *atléticos*. A cada um destes grupos corresponderiam, segundo o autor citado, determinadas características fisiológicas.

Como introdução ao estudo de **Kretschmer**, estudo êste particularmente interessante para quem reconhecer a importância da psicossomática, parece-nos proveitosa a leitura dos artigos de **Abel Salazar** publicados nos números 102, 104, 108 e 113 de "O Diabo" e também duma rápida síntese, feita por **André Valmar**, da classificação dêste autor, inserta em "Pensamento" n.º 81.

## BIBLIOGRAFIA

- W. BERARDINELLI — Biotypologia (Rio de Janeiro), 1936.  
E. KRETSCHMER — La structure du corps et le caractere (Paris, Payot), 1930.  
A. LAZURSKI — Clasificación de las individualidades (Madrid, M. Aguilar), 1933.  
R. KEHL — Psicologia prática — Tipos vulgares (Rio de Janeiro, 1936.  
H. DAMAYE — Psychiatrie, médecine et Sociologie (Paris, Felix Alan), 1936.  
AFONSO GUIMARÃES — A secreção interna das glândulas sexuais (pág. 21 a 35 — hormonas).  
NETO PARRA — A Ciência do individual (Separata da "Coimbra Médica", vol. II, n.º 10. Dezembro de 1935).

Regularmente, publica-se "Sol Nascente" a 15 e 30 de cada mês.